REIS, R. Educação pela Arte. Lisboa: Universidade Aberta, 2003.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. A criança e o artista: Fundamentos para o ensino das artes plásticas. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995. (Coleção Ágere).

SOUSA, A. (2003). A Educação pela Arte e Arte na Educação, Bases Psicopedagógicas.1ºvolume. Lisboa: Instituto Piaget.

ZABALA, A. A Prática Educativa: Como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VYGOTSKY, L. (1996). Imaginação e Criatividade na Infância. Lisboa: Dina livro.

# A ARTE COMO METODOLOGIA EDUCATIVA

DANIELA TORQUATO BOMFIM

**RESUMO:**

O presente artigo discute o conceito de arte e seus aspectos, assim como o conceito de arte-educação e suas potencialidades. O artigo traça também um rápido histórico sobre a arte-educação e busca, através da constante relação entre teoria e exemplos práticos, de diversas linguagens artísticas, refletir sobre o papel que a arte pode desempenhar no estudo de outras áreas do conhecimento humano. Uma mudança gradual de velhos hábitos e, principalmente, permitir a elaboração de parâmetros através da educação de crianças, jovens e adultos. Dentre as principais referências, estão John Read, Jorge Coli, Ana Mae Barbosa, Marisa Silva e Ney Wendell.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte; Educação; Arte-educação.

**ABSTRACT:** This article discusses the concept of art and its aspects, as well as the concept of art education and your capabilities. The article also outlines a quick history on art education and seeks, through constant relationship between theory and pratical examples of different artistc languages, reflect on the role that art can play in the study of other areas of human knowledge. A gradual change from old habits and above all, allow the elaboration of parameters through the education of children, youth and adults. Among the main references are John Read, Jorge Coli, Ana Mae Barbosa, Marisa Silva and Ney Wendell.

**KEYWORDS:** Art; Education; Art Education.

## 1. INTRODUÇÃO

Além da linguagem escrita temos outras formas de apresentar os fatos ou ideias ao público geral, com certeza muitos falaram da arte, ou mesmo, a arteeducação. Existe uma corrente de pesquisadores que deixam claro que o tal ensino da arte é, simplesmente ensino da arte, uma vez que se trata de uma área do conhecimento coletivo e de anos de imaginário comum, conforme veremos mais adiante. Por que arte-educação se não usamos, por exemplo, matemática educação, história-educação? Outra acepção para o termo é a arte utilizada exclusivamente como instrumento para abordagem de temas de áreas transversais ou interdisciplinares. É nesse caminho que vislumbraremos o presente artigo,

que visa refletir sobre o conceito de arte e alguns de seus elementos constitutivos; e discutir sua aplicação na abordagem de princípios e conteúdos referentes a outras áreas do ensino-aprendizagem da Educação Escolar preponderante deste século.

## 2. A ARTE E SEUS PRINCIPAIS ELEMENTOS

Antes de expormos sobre arte-educação, faz-se necessário refletir sobre a arte e seus aspectos. Iniciemos por duas obras de consulta básica para maioria das pessoas. Para o Mini Aurélio, popularmente conhecido como dicionário Aurélio, a arte é a "capacidade humana de criação e sua utilização com vistas de certo resultado, obtido por diferentes meios [...] Habilidade, engenho" (FERREIRA, 2010, p. 69). Desta definição podemos destacar duas axiomas: concretização de algo abstrato (transformar ideia em matéria) e domínio de um elemento em seu fazer.

E ainda, segundo a Infoescola (2021):

A designação do termo Arte vem do latim Ars, que significa habilidade. É definida como uma atividade que manifesta a estética visual, desenvolvida por artistas que se baseiam em suas próprias emoções. Geralmente a arte é um reflexo da época e cultura vivida. A Arte existe desde os primeiros indícios do desenvolvimento do homem, inicialmente utilizada para suprir necessidades de sobrevivência, como utensílios de cozinha e inscrições em cavernas. No Século V a. C., era considerada técnica, do grego tékn, onde esculturas e pinturas eram aprimoramentos técnicos.

Em síntese a Infoescola se refere ao domínio da execução por técnica ou habilidade. Associando assim a arte ao ser humano e sua capacidade de expressar e introduzir a noção estética, uma relação não somente racional e lógica com a obra artística, mas que envolve também emoção, ideologia, percepção, sensibilidade, tempo como tantos aspectos socioculturais econômicos da sociedade que retrata e está inserido ou, ainda, destaca pelo período que contemporiza. São expressões do seu criador a fim de estimular esses aspectos naquele que usufruirá dela. Ou seja, a definição acima também aborda os dois lados da obra artística: o artista e o espectador, e chama para o fato de que, para cada pessoa, a arte possui um significado homogêneo ou heterogêneo.

Por fim, segundo o professor de História da Arte da UNICAMP Jorge Coli (1995, p. 109) diz:

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de 'aprendizagem'. Seu domínio é o do não-racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contato com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia. Entre a complexidade do mundo e a complexidade da arte existe uma grande afinidade.

Coli explica de forma sucinta uma série de aspectos humanos apresentados na dimensão artística e à noção do intercambio do caráter humano da arte

subjetivos e indeterminados, aos quais ele acrescenta a relação do indivíduo com o mundo que o cerca. Que gera uma integração entre o universo externo ao universo interno do ser humano. Um encontro providencial da ideia e sua respectiva habilidade para a construção de meios de despertar sua projeção no indivíduo pela compreensão do mundo. O que nos indica a necessidade de técnicas e conhecimentos por parte daqueles que produzem arte em diversas formas.

A partir destas três definições e considerando as observações circunscritas por estas, listamos a seguir uma sequência de elementos da arte que contribuirão para reflexões posteriores acerca da arte-educação.

A primeira observação a ser feita refere-se à relação entre abstração e concretude na obra artística. Há quem acredite que a arte trabalha com somente abstração. Na realidade a arte trabalha com concretude. Trata, sim, com todos os tipos de crenças, emoções, ideias, sensações e outros conceitos abstratos, porém transforma tudo isso em algo concreto: ações, cores, formas, gestos, palavras... Como exemplo disso pensemos no tema sofrimento da guerra. Para cada pessoa, essas palavras vão evocar uma imagem, uma ideia. E cada uma vai concretizá-la de uma maneira. Pablo Picasso a concretizou em uma tela a óleo de figuras desarmoniosa e subjetivas através de 350 metros por 782 centímetros por meio da pintura cubista.

Pensando nisso, torna-se necessário e claro, o domínio de uma técnica ou habilidade para tornar uma ideia tangível para quem a aprecia, como citaram as três definições anteriormente descritas. Visto que a arte é uma área do conhecimento humano e, como tal, possui saberes específicos. Isso provoca um fato óbvio de que, quanto mais se conhece algo, mais domínio se tem sobre ele. Mesmo aquele que não pretende se tornar um artista profissional, mas tem a intenção de utilizar a arte com fins educacionais, alcançará melhor seus ímpetos à medida em que amplia seus conhecimentos em torno desta área. Daí a importância não só de atividades formativas, como de se criar um hábito de apreciação estética. Vale salientar que não se trata de aprender uma forma correta de se fazer arte, porque não existe tal coisa, mas de saber que tudo o que for feito comunicará algo a alguém. E que, quanto maior o vocabulário artístico, mais elementos terá o artista para expressar suas ideias, emoções, sentimentos. Além disso, amplia-se a chance de sair do lugar comum, das ideias óbvias.

Existe uma estória envolvendo o quadro de Picasso descrito anteriormente. Ele foi inspirado no bombardeio sofrido pela cidade espanhola de Guernica em 26 de abril de 1937 por aviões alemães, apoiando o ditador Francisco Franco. Dizem que um militar envolvido na guerra, ao vislumbrar o quadro, teria se impressionado com sua força e perguntado a Picasso: “Forte esse quadro! Foi você quem fez?”. E Picasso teria respondido: “Não. Foram vocês.” Ora, Picasso (ou quem inventou a história, se foi o caso) não queria dizer isso de maneira literal, mas no sentido de que a guerra o provocou a pintar aquele quadro. O sofrimento com o qual ele se deparou foi marcante a ponto de criar a necessidade de realizar aquela obra.

Várias são as razões que levam à

construção de um produto artístico:

inspiração, ideia, encomenda externa, dentre outras. No entanto, ele expressará a percepção de mundo do artista que o criou e será percebido de forma particular por cada espectador. Cabe aqui uma observação importante acerca do uso da arte com fins educacionais. Se expressamos nossa percepção de mundo, estão inclusos nessa percepção elementos que, muitas vezes, não tínhamos a intenção de expor ou nem sabíamos que possuíamos. Isso inclui mitos, preconceitos, crenças...

Vejamos agora, outro exemplo como uma peça publicitária da loja Marisa, realizada no período próximo ao Dia dos Namorados e cujo objetivo era vender lingerie, abordando o tema de forma divertida e irreverente. Para isso foi criado o seguinte texto:

No Brasil, existem 96 mulheres para cada 100 homens. Desses 100, 12 não gostam do assunto. 1 tem um poodle. 5 moram com a mãe. 13 têm medo de barata. 8 palitam os dentes. 13 preferem fazer declaração do imposto de renda a sexo. 8 nunca mandaram flores para uma mulher. 7 homens acham que preliminares são frescura. 10 gostam de cueca com vinco. 6 secam o cabelo com secador. 3 usam pochete. 5 fazem a unha. 17 são casados. 1 é casado e fiel. Sobra, portanto, um homem para cada 96 mulheres. Melhor você caprichar. Primavera/verão Marisa (BRANCO, 2019).

O texto publicitário trata com humor seu objetivo exclusivo de vender lingerie, para isso verificam-se muitas outras ideias veiculadas juntamente com a mensagem geral de cunho comercial. Destaca-se por vezes a mulher e sua busca de um homem. Além daquelas que não querem um relacionamento (a quem a peça à venda não se dirige, uma vez que se trata de um produto promocional de dia dos namorados), o produto é restritivo não serve lésbicas e seus pares. A propaganda limita o tipo de homem que sua consumidora procura, ou seja, excluem-se homens que têm poodle, fazem as unhas, utilizam secadores de cabelo, moram com a mãe, usam pochete... E para o fim, no vídeo da propaganda, aparecem diversas mulheres utilizando a lingerie da loja com seguinte padrão: todas magras, altas, brancas, com cabelo liso comprido. De forma que a propaganda também seleciona que tipo de mulher deve ser atendida. A propaganda como obra artística não acrescenta autorreflexão e instaura paradigmas, claro que foi resultado de técnica e até referência oficial, mas não expressa ideais pessoais. É preciso estar atento às discussões atuais.

A arte pode transcender seu criador e seus usuários, se entendemos que certas obras expostas pelo mundo são relevantes por onde passam e por quem quer que as veja, pois traz significado para cada indivíduo que a comtempla por minutos, ou que consegui com ela perceber símbolos ou capitar sensações: cultura, história, imaginação, memória, mitos, sentimentos etc.

Na música Paratodos de Chico Buarque, por exemplo, verifica-se uma serie de referencias de sua origem ou símbolos acerca deste tema que começa com seu pai paulista, um avô pernambucano, um bisavô mineiro, um tataravô baiano, que não necessita dizer nada de sua ar-

vore genealógica, mas representa família simbólica de muitos brasileiros, ou ainda de muitos humanos do mundo. E por esta diversidade apresenta raízes musicais de sua obra e, consequentemente, sua genialidade musical brasileira, ou seja, sua identidade brasileira musical entre arranjos e harmonias de sua formação por sua sonoridade.

A arte tem esta capacidade de elucidar os sentidos ou despertar outras acepções em diferentes discursos ou recursos, uma frase simples e rica de acorde. Uma imagem singela que ultrapassa as palavras e os textos que a compõe, ou que a imprimi em páginas.

A partir deste ponto, imaginemos uma cena teatral em que um objeto qualquer é manipulado por um ator, por exemplo, uma caneta azul. Que ao contrário do que se espera é usada como uma faca, um celular, uma varinha de condão... Ao fazer isso, o objeto que seria usado naturalmente para escrever ou assinar papeis corriqueiros, mostra-nos novas possibilidades, novos usos e novos mundos, ou seja, uma caneta pode ser de outro mundo ou uma coisa que reconhecemos poder ser diferente.

A arte não reduz nossa liberdade ou limita-nos com fronteiras, ela desloca, ressignifica, inventa, questiona as coisas a partir da nossa base oficial, social, perante o que está condicionado ou pré-estabelecido.

As ideias podem ser transgredidas de formas naturais, artísticas ou não. Mas a arte cria suas normas no exato momento que surge pulsante como parte de todos e de um artista.

A arte assim compreende as seguintes linguagens: Artes Plásticas (pintura, escultura, xilogravura entre outros), Cinema, Circo, Dança, Fotografia, Literatura, Música, Rádio, Teatro, Vídeo... E por fim se desdobra em estilos, linhas, subdivisões.

## 2.1 BREVE HISTÓRICO

Foi o poeta e crítico de arte britânico Herbert Read que cunhou a expressão educação pela arte. Segundo ele a educação deveria passar pelos sentidos, membros, músculos dos educandos e não se resumir a ideias abstratas, de forma associando-a exclusivamente a função imaginativa, muito presente entre as crianças e os artistas.

As ideias de Read coincidem com as de John Dewey, para quem a arte distante da vida comum torna-se desinteressante:

Para John Dewey, a compreensão da experiência estética verdadeira passa pela consideração de seu "estado bruto" quanto às formas de ver e ouvir como geradoras de atenção e interesse, e que podem ocorrer tanto a uma dona de casa regando as plantas do jardim quanto a alguém que observa as chamas crepitantes em uma lareira. Resultado de dez conferências proferidas entre o inverno e a primavera de 1931 na Universidade de Harvard, a obra Arte como experiência, publicada pela primeira vez em 1934, sob o título geral The later works of John Dewey, somente agora surge traduzida para a língua portuguesa. Não muito distante da visão pragmatista que permeia a sua obra filosófica e sua teoria pedagógica, a opinião construída sobre a experiência artística focaliza a necessidade de

se considerar o prazer e a satisfação envolvidos nesta experiência, cujo impulso é dado pelo próprio contexto no qual se insere o indivíduo (DEWEY, 2010, p. 646).

Na década de 40, a educação artística era tradicionalmente utilizada para distração e tinha como principal linguagem a arte visual, sendo assim as artes na escola resumiam-se a atividades complementares sem grandes intenções educacionais. Vinte anos depois nos anos de 1960 foram organizados os conteúdos artísticos e se iniciaram os cursos de licenciatura em artes. Na mesma época que foram lançados os fundamentos teóricos da DBAE (Discipline Based on Arte

Education) na Inglaterra, que implementava "com o desenvolvimento do fazer artístico, a leitura do nacional e de sua História, a solidificação da consciência da cidadania do povo" (SILVA, 1999, p. 50). E com isso as quatro instâncias do conhecimento são exigidas no ensino da arte: a produção, a crítica, a estética e a história da arte e apresenta a inclusão de características bastante comuns na prática artística, que envolvem incerteza, imaginação, ilusão, introspecção, improvisação, visualização e dinamismo nos processos de pesquisa.

No Brasil, na década de 80, Ana Mae Barbosa renovou o ensino da arte, com sua "Abordagem Triangular" (BARBOSA; CUNHA, 2010, p. 11), segundo a qual deve-se levar em conta as seguintes dimensões: apreciação, produção e contextualização:

O princípio desta proposta parte de que através da produção de arte a criança pensa inteligentemente em torno da criação de imagens visuais. A História da Arte ajuda os educandos a compreenderem o lugar e o tempo nos quais as obras são situadas. E a análise da obra de arte permite a criança desenvolver sua gramática visual, as imagens fixas e móveis etc. (SILVA, 1999, p. 51).

Na década de 90, a Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), com a qual colaboraram educadores do mundo inteiro, formulou o Relatório Jacques Delors – RJD, publicado no Brasil sob o título de Educação – um tesouro a descobrir (2000).

Segundo o Relatório, a educação ao longo da vida baseia-se em quatro pilares que são elas: aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; aprender a ser, via essencial que integra as três anteriores.

As artes, pelas suas potencialidades integradoras, oportunizam ao ser humano o desenvolvimento de competências para a vida, sejam elas cognitivas (aprender a conhecer), sociais (aprender a conviver), produtivas (aprender a fazer) ou pessoais (aprender a ser), pois, há uma experiência estética viva e que favorece a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, ou seja, como disciplina em uma instituição de ensino ou como tema/método numa ação transversal. (BRANCO, 2019).

Atualmente, não se separa mais a arte da educação no processo transforma-

dor do indivíduo, salientou-se a expressão arteducação, que considera que o processo educativo não é separado por espaço formal de educação, podendo acontecer em assentamentos, aldeias, sindicatos etc. Desta forma, o arteducador não é somente aquele com formação em licenciatura. Pode ser, por exemplo, um mestre da cultura popular.

Hoje em dia, as artes estão sendo utilizadas como metodologia em diversas outras áreas do conhecimento, presentes como meio para apreensão ou vivência de conteúdos diversos, e também como área fim e específica para o aprendizado eixo de cada uma das artes. Isto é visível no exemplo da educação escolar, em que as artes estão na maioria das disciplinas como técnicas corporais, visuais, interpretativas etc., além de estarem nos projetos especiais com produtos ou vivências estéticas. Mas, é também uma disciplina específica para o aprendizado teórico e prático de cada experiência artística, seja teatral, coreográfica, visual ou musical. Já nas ONGs as artes entram como metodologia na formação para a cidadania, na educação de valores ou nas diversas produções temáticas, unindo-se a experiência de formações de crianças e jovens artistas (Id.).

Não muito obstante deste conceito temos ainda a visão de Ney Wendell, Coordenador da Rede Brasileira de Arte-educadores, que diz que a arte-educação é:

Processo pedagógico que se utiliza da ferramenta artística para uma educação dedicada ao ser humano em suas habilidades criativas, suas relações emocionais, sua manifestação potencial e sua sociabilidade. Determinando-se como um facilitador para que o conteúdo aplicado seja prazeroso, lúdico e criativo, e que ocorra transformações a nível físico e psíquico integralmente (Id.).

Wendell indica que nas duas dimensões abordadas anteriormente destaca-se no processo educativo: quem realiza a obra de arte e quem dela usufrui.

## 2.2 PORQUE ARTE-EDUCAÇÃO?

Considerando os elementos pontuados e os conceitos de arte-educação discutidos até agora, listamos algumas potencialidades do uso da arte como estratégia ou metodologia na abordagem de conteúdos de disciplinas diversas:

- Possui capacidade de seduzir e mobilizar;
- Facilita a abordagem de temas que são, em geral, tabus.;
- Permite ver ilustradas situações cotidianas;
- Permite também o questionamento de padrões e valores estabelecidos;
- Atinge o indivíduo (tanto quem apresenta quanto quem aprecia) em todos os níveis: racional, físico, emocional, espiritual e social;
- Além do contato consigo mesmo, experiência-se o contato com o outro também em sua plenitude;
- Exercita o trabalho coletivo;
- Permite o contato com manifestações culturais de seu povo e de outras localidades;
- É prazerosa, lúdica;
- Torna-se também sedutor

para instituições financiadoras (por seu potencial no que se refere a visibilidade) (BRANCO, 2019).

A própria opção por uma ou mais linguagens artísticas pode ser realizada com base nos objetivos do docente, considerando a necessidade do grupo de alunos que ministra suas aulas e não somente pela afinidade do realizador.

Metodologia é uma palavra composta por três vocábulos gregos: metà (para além de), odòs (caminho) e logos (estudo). O conceito faz alusão aos métodos que permitem obter certos objetivos. Com base nisso, fazemos aos educadores que pretendem valer-se da arte no processo de ensinoaprendizagem a seguinte pergunta: qual é o seu objetivo? Se, como foi dito, na obra de arte não há certo e errado e ela mesma cria as regras enquanto se constrói, o que vai orientar as escolhas do educador serão seus objetivos (Branco, 2019).

Para finalizar, citemos um trecho referente às artes dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 5ª a 8ª séries, da Secretaria de Educação Fundamental:

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que nossas experiências geram um movimento de transformação permanente, que é preciso reordenar referências a todo momento, ser flexível. Isso significa que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (BRASIL, 1998, p. 20)

## 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obrigatoriedade do ensino de Arte não é o suficiente para garantir existência desta disciplina no currículo escolar. Depende muito das ações de seu mediador para que este ensino tenha maior legitimidade no contexto escolar. Em outras palavras, é muito importante que o professor de Arte estimule seus alunos em um contato efetivo com a Arte na escola e aprendam a identificar os diversos fenômenos artísticos em seu cotidiano.

Martins (1998) alerta como ainda as aulas de Arte são confundidas com outras atividades:

[...] ainda é comum as aulas de arte serem confundidas com lazer, terapia, descanso das aulas “sérias”, o momento para fazer a decoração da escola, as festas, comemorar determinada data cívica, preencher desenhos mimeografados, fazer o presente do Dia dos Pais, pintar o coelho da Páscoa e a árvore de Natal (MARTINS 1998, p.12).

A citação acima remete a um pensamento errôneo sobre o ensino de Arte que, infelizmente, chega com muita facilidade à escola e que, se posto desta forma, não contribui em nada para uma aprendizagem significativa para os alunos.

Para trabalhar com a disciplina de Arte é necessário conhecimento e planejamento por parte do professor, ter objetivos claros, conteúdo e métodos que favoreçam os referenciais do aluno. Esses aspectos foram observados durante as aulas assistidas. Notou-se que a professora planeja bem suas atividades e possui objetivos definidos, contudo, ainda falta uma diversificação maior das atividades